

Apresentação

Este artigo publicado por Haydée Guanais Dourado nos Anais de Enfermagem, em 1952, tinha como tema central o “Aperfeiçoamento dos Professores Privativos”, entendido como tal o corpo docente próprio da escola de enfermagem, ou seja, com dedicação em tempo integral a uma determinada escola de enfermagem. A autora entende que o corpo docente de uma escola de enfermagem é a “parte viva que irá promover o crescimento da entidade e irá manter o equilíbrio nos momentos de dificuldades”. Considerava como requisito para a formação de um núcleo docente consistente que o mesmo tivesse comunhão de idéias acerca da filosofia da escola, cabendo à diretora três qualidades essenciais ao desempenho da função de liderança junto ao grupo docente: ter estatura moral e capacidade profissional que não devam ficar aquém das dos seus pares; ter compreensão da personalidade humana; e ter capacidade de exercer influência. Um Corpo Docente, de acordo com Haydée Guanais Dourado, se constituía de “um conjunto de atitudes decorrentes do seu funcionamento”; para tanto seria importante a realização de reuniões periódicas, sendo valorizado o pronunciamento de todos. Pôde-se observar que a autora atribuiu grande ênfase ao papel do Corpo Docente, e acrescenta que a integridade do mesmo ficaria ameaçada à medida que os indivíduos que o compusessem deixassem de compartilhar das mesmas lealdades, dos mesmos sentimentos, das mesmas atitudes, dos mesmos pontos de vista. No tocante à escola de enfermagem, conforme a autora, caberia à diretoria da mesma a responsabilidade de atuar de modo a facilitar o crescimento pessoal e profissional dos docentes, sociabilizando entre o grupo: o conceito da escola, sua filosofia e seus objetivos; de reestruturar o estabelecimento; e de estimular a formação das atitudes, idéias e hábitos que devam ser comuns a todos. A autora concluiu apresentando oito recomendações acerca do papel da escola na contribuição do aperfeiçoamento do corpo docente, dentre as quais se destacava a importância de se ampliar o capital cultural do mesmo. Como podemos observar, Haydée Guanais Dourado demonstrava uma visão que ainda hoje é sustentada como fundamental para a consolidação da produção científica e para o ensino de enfermagem, como, por exemplo, a dedicação exclusiva de docentes às instituições de ensino. Da mesma forma, a autora relata a necessidade de uniformidade de atitudes e de pontos de vista, o que seria nos dias de hoje uma iniciativa questionável e de difícil implementação; porém, é esperado que o corpo docente ostente, como defende a autora, princípios morais universais que possam servir de referência no processo de formação profissional, asseguradas aí as diversidades religiosas, políticas, etc. Com isso, constatamos que Haydée Dourado mais uma vez posicionou-se na vanguarda, em vários aspectos, acerca da formação profissional, principalmente ao considerar o corpo docente e a escola de enfermagem como núcleos responsáveis pelo desempenho de tal função.

Antonio José Almeida Filho

Lúcia Helena Silva Corrêa Lourenço

Fernando Ramos Porto

Membros da Diretoria Colegiada do Nuphebras

Presentation

This article published by Haydée Guanais Dourado in *Annals of Nursing*, in 1952, had as central subject the “Perfectioning of the Privative Professors”, understood as such the proper faculty of the nursing school, or either, with devotion in integral time to one determined nursing school. The author understands that the faculty of a nursing school is the “alive part that will go to promote the growth of the entity and will go to keep the balance at the moments of difficulties”. She considered as requisite for the formation of a consistent teaching nucleus that the same had communion of ideas concerning the philosophy of the school, fitting to the director three essential qualities to the performance of the together function of leadership to the teaching group: to have moral stature and professional capacity that did not have to be on this side of the ones of its pairs; to have understanding of the personality human being; e to have capacity to exert influence. A Faculty, in accordance with Haydée Guanais Dourado, constitute itself of “a set of decurrent attitudes of its functioning”; for in such a way the accomplishment of periodic meetings would be important, being valued the uprising of all. It could be observed that the author attributed great emphasis to the paper of the Faculty, and adds that the integrity of exactly would be threatened to the measure that the individuals that composed it left to share of same loyalties, of the same feelings, the same attitudes, of the same points of view. In the moving to the nursing school, as the author, would fit to the direction of the same a responsibility to act in order to facilitate the personal and professional growth of the professors, socializing among the group: the concept of the school, its philosophy and its objectives; to reorganize the establishment; e to stimulate the formation of the attitudes, ideas and habits that must be common to all. The author concluded presenting eight recommendations concerning the paper of the school in the contribution of the perfectioning of the faculty, amongst which detach the importance of if extending the cultural capital of exactly. As we can observe, Haydée Guanais Dourado demonstrated a vision that still today is supported as basic for the consolidation of the scientific production and for the education of nursing, as, for example, the exclusive devotion of professors to the education institutions. In the same way, the author tells the necessity of uniformity of attitudes and points of view, what it would be nowadays a questionable initiative and of difficult implementation; however, she is waited that the faculty exhibits, as defends the author, universal moral principles that can serve there of reference in the process of professional formation, assured the religious diversities, politics, etc. With this, we evidence that Haydée Dourado one more time was placed in the vanguard, some aspects, concerning the professional formation, mainly when considering the faculty and the school of nursing as responsible nucleus for playing such function.

Antonio José Almeida Filho
Lúcia Helena Silva Corrêa Lourenço
Fernando Ramos Porto
Members of the Nuphebras Collegiate Board

Presentación

Este artículo publicado por la Dra. Haydée Guanais Dourado en los *Anales de Enfermería*, en 1952, tenía como tema central el “Perfeccionamiento de los Profesores Privativos”, entendido como tal la facultad apropiada de la escuela de enfermería, o sea, con la dedicación en tiempo integral a una determinada escuela de enfermería. La autora entendía que el cuerpo de profesores de una escuela de enfermería es la “parte viva que irá promover el crecimiento de la entidad e irá a mantener el equilibrio en los momentos difíciles”. Ella consideraba como requisito para la formación de un núcleo de docente constante que el mismo tenía comunión de ideas referentes a la filosofía de la escuela, cabiendo a la directora tres cualidades esenciales la función del liderazgo junto al grupo docente: tener moral y capacidad profesional de comprensión de la personalidad humana; y tener capacidad de ejercer influencia. Un Cuerpo Docente, de acuerdo con Haydée Guanais Dourado, se constituye “de un sistema de actitudes decorrente de su funcionamiento”; para tal efecto la realización de reuniones periódicas sería importante, siendo valorado la sublevación de todos. Podría ser observado que la autora atribuyó gran énfasis al papel del Cuerpo Docente, y agrega que la integridad del mismo sería amenazada a la medida que los individuos que la compusieron dejaran de compartir las mismas lealtades, las mismas sensaciones, las mismas actitudes, los mismos puntos de vista. Sobre la escuela de enfermería, de acuerdo con la autora, cabría a la dirección de la misma, la responsabilidad de actuar para facilitar el crecimiento personal y profesional de los profesores, socializando entre el grupo: el concepto de la escuela, su filosofía y sus objetivos; para reorganizar el establecimiento; y para estimular la formación de las actitudes, de las ideas y de los hábitos que deben ser comunes a todos. La autora ha concluido presentando ocho recomendaciones referentes al papel de la escuela en la contribución del perfeccionamiento del cuerpo docente, entre la cuales destaca la importancia de extender el capital cultural del mismo. Como podemos observar, Haydée Guanais Dourado demostró una visión que todavía hoy es fundamental para la consolidación de la producción científica y para la educación de enfermería, como, por ejemplo, la dedicación exclusiva de profesores a las instituciones de educación. De igual manera, la autora relata la necesidad de la uniformidad de actitudes y de los puntos de vista, cuál sería hoy en día una iniciativa cuestionable y difícil implementación práctica; sin embargo, es esperado que el cuerpo docente ostente, como defiende la autora, los principios morales universales que pueden servir de referencia en el proceso de la formación profesional, aseguradas las diversidades religiosas, la política, etc. Con esto, evidenciamos que Haydée Dourado más una vez está en la vanguardia, en varios aspectos, acerca de la formación profesional, principalmente al conseederar el cuerpo docente y la escuela de enfermería como núcleos responsables por el desempeño de tal función.

Antonio José Almeida Filho
Lúcia Helena Silva Corrêa Lourenço
Fernando Ramos Porto
Miembros de la Directoria Colegiada del Nuphebras

TEMA: Aperfeiçoamento dos Professores privativos

O PAPEL DA ESCOLA

HAYDÉE GUANAIS DOURADO (*)

Falaremos neste assunto mais em razão de, como tantas outras responsáveis por escolas, termos a convicção da sua importância do que por pensarmos que há em nós qualquer mérito em idéias ou execução. Se há valor, êste deve ser procurado tão somente na nossa aceitação do papel da escola de enfermagem como instituição empenhada no aperfeiçoamento da pessoa humana.

À guisa de definir, no âmbito dêste trabalho, a escola de enfermagem, diremos de sua finalidade essencial que é educar. E definiremos o Corpo Docente como o grupo encarregado de realizar essa finalidade.

O uso de um coletivo vem a propósito para servir à idéia de uma entidade. As entidades são regidas tôdas por um certo número de forças em equilíbrio: centrípetas, umas, e centrífugas, desintegradoras outras. Estudaremos ambas, sumariamente.

De início observaremos que o emprêgo da expressão corpo docente privativo, isto é, próprio da escola de enfermagem é uma necessidade decorrente da participação, neste órgão, de enfermeiras unicamente, ao passo que na congregação e nos Conselhos Departamentais figuram os professores tanto de tempo integral (privativos) como os que pertencem a outras Faculdades ou dão sua contribuição parcial ao ensino de enfermagem.

SELEÇÃO DO CORPO DOCENTE

De conformidade com o requisito para formação de todos os grupos integrados é de especial importância colocar dentro

(*) ED — EE Ana Neri. Curso pós-graduado em Ensino e Supervisão na Escola de Enfermagem da Universidade de Toronto, Canadá. Bacharel em Ciências Políticas e Sociais pela Escola de Sociologia de São Paulo, Instituto complementar da Universidade de São Paulo. Superintendente do Setor de Enfermagem da Campanha Nacional Contra a Tuberculose.

da Escola, em primeiro lugar, o núcleo do corpo docente, seu cerne, a parte viva que irá promover o crescimento da entidade e irá manter o equilíbrio quando entrarem em jôgo as forças centrífugas.

O primeiro requisito para a formação desse núcleo é a comunhão de idéias sobre a filosofia da escola, compartilhada pelos membros deste cerne inicial.

Qual o número mínimo para o começo de formação do grupo integrado? Duas pessoas, ousamos afirmar, porque, uma vez transposta a barreira entre u'a mente e outra, já a idéia foi revestida da forma adequada de expressão que provavelmente será bastante eficiente para atingir outras mentes afins. Na família já contamos com este mínimo suficiente. Sócrates, no seu método característico de educação buscava *companhia* para procurar a verdade. Dêsse esforço de interpenetração de duas mentes pode-se dar a eclosão de um raio de luz que abranja todo o universo. Cristo diz: "onde dois ou três se reunirem em meu nome, aí estarei".

Entraremos, agora, na análise da liderança, uma vez que, havendo duas pessoas, há necessidade de um chefe. A diretora deve ser a líder. Truismo, pensarão, talvez alguns. Entretanto, todo o humano empreendimento pode trazer o sinal de sua condição de ser obra dos homens. A imperfeição é a regra e não a exceção. Não é impossível se encontrar outro membro como líder. Para selecionar-se a diretora, os regimentos nas nossas faculdades trazem praxes que são um compromisso entre a *nomeação*, por indicação do Reitor, e o *sistema representativo*, de vez que o Reitor escolhe de uma lista tríplice, de nomes eleitos pelos membros da Congregação. O mandato costuma ser de três anos. É claro que deve haver provisão para reeleições, pois quanto mais tempo a diretora permanecer no cargo, por decisão unânime, expressa periodicamente, mais lucra a instituição em sua estabilidade. O líder, no universo dos estabelecimentos de ensino, será o que ultrapassa os seus pares em três qualidades essenciais ao desempenho de sua função:

- tem estatura moral e capacidade profissional que não devem ficar aquém daquelas dos seus pares;
- tem compreensão da personalidade humana;
- tem capacidade de exercer influência.

Aliás, os três atributos estão intimamente ligados.

1 — A estatura moral é medida pelos valores da nossa cultura.

2 — A compreensão da personalidade humana deve ir ao ponto de abnegação de si mesmo tôdas as vezes em que esta

atitude do espírito facilitar a outrem a volta à harmonia interior atingida. O maior dentre todos é o que fôr capaz de tornar-se o menor, tôdas as vezes que fôr preciso. Nos conflitos é sempre preciso. Depois da réfrega, a estatura do que cedeu no seu orgulho próprio aumentará. Não continuará como líder muito tempo o que se impuser pela fôrça, que prevalecer da posição mais alta fazer parar um conflito. "Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração", é a regra des Cristo, que foi o líder por excelência.

3 — A capacidade de exercer influência no crescimento pessoal de outrem é medida, evidentemente, pela influência exercida. Em geral, depois de passarem vicissitudes em comum as pessoas se unem mais em tôrno de um chefe. É que o altruismo é um cadinho para a formação do líder. Deve êle procurar para si a parte mais árdua, sempre que estiver a seu alcance escolher. A mãe, na família, é vista no seu sentimento maternal, isto é, na capacidade de dar-se. Todo líder tem que ter êste modo de sentir sôbre a importância de dar aos liderados primeiro do que a si próprio o fruto, e tomar a si, antes de dar-lhes, o árduo labor.

DíSSERTAMOS aqui sôbre êste aspecto porque achamos que são êstes os pontos fundamentais da formação que a própria escola dá ao Corpo Docente. Em vez de nosso pensamento mostremos o de outros: Quintiliano, o retórico, isto é, professor, que tanto se destacou entre os romanos do 1.º século, que foi mestre de Plínio, o Moço, assim se exprime sôbre a influência de outrem pela palavra: "o orador perfeito deve ser homem de integridade e bom; doutro modo não pode aspirar a influenciar outros".

São Pedro exprime-se sôbre o assunto do seguinte modo: os falsos mestres, os que não se aperfeioam moralmente, "são fontes sem água, nuvens levadas pela fôrça do vento". E São Paulo: "ainda que eu conhecesse tôda a ciência, e não tivesse caridade nada seria".

Qual o motivo que nos levou a destacar êstes aspectos da formação de professôres? Não gastaríamos do vosso precioso tempo se não fôra a inteira omissão dessa linguagem nas instruções a professores, estatutos, etc. das Universidades governamentais do nosso mundo ocidental. Há uma razão histórica para essa calculada reserva. Estamos muito perto da geração que inspirou nossa forma de govêrno atual a república. Ora, tendo sido ela inspirada na revolução francesa, traz ainda os traços do clima da revolução. Sabemos que esta foi precedida de dois séculos de conflitos intensíssimos, as guerras chamadas

de religião. Não é temerário afirmar que a reserva e omissão de uma linguagem mais sociológica, que inclua os valores morais da nossa cultura, seja uma decorrência dessas lutas. Este silêncio representaria o *stato quo* para a cessação das hostilidades. Contudo, o mundo entrou numa fase de segurança sobre a liberdade de consciência. Hoje, sem motivo para tais paixões, e ajudado pelas ciências sociais, volta suas vistas para a necessidade de definir com clareza os valores morais cristãos para servirem de fundamento a razão de ser da vida que vivemos. Se estes princípios são os mais compartilhados é nêles que se deve firmar o modo de sentir comum em torno do qual se entendem os que estão transmitindo aos jovens a nossa civilização.

O CORPO DOCENTE EM AÇÃO

Na escola de enfermagem *x* ou *y*, é o corpo docente privativo mera agregação de pessoas ou é um organismo com estrutura própria empenhado em ação concertada, conjunta? A resposta evidentemente será: sim, não, ou às vezes.

O que constitui o organismo como distinto da simples reunião de suas partes é, de acôrdo com Child (*), uma ação-típica, que controla e coordena a reação das partes, de modo a dar ao comportamento do organismo o caráter. Em suas palavras: "Falamos do organismo como indivíduos, querendo dizer que cada organismo representa uma ordem e unidade mais ou menos definida e descontínua; em outras palavras, um padrão, que não só determina sua estrutura e as relações de suas partes entre si, mas permite-lhe agir como um todo com referência ao mundo que o circunda".

No corpo docente, encontramos, de regra, a estrutura de um grupo mais ou menos hierarquizado: a diretora, a vice-diretora, as professoras responsáveis por cadeiras, as responsáveis por unidades menores de ensino. O que o tornará "corpo docente" é um conjunto de atitudes decorrentes do seu funcionamento. E o seu funcionamento integrado tem início quando se encontram todos os membros. O meio recomendado é a participação em reuniões periódicas.

Nas reuniões, para observar com objetividade a participação de todos, faz-se traçar, por um observador do processo da discussão, em um gráfico o curso das frases enunciadas. Depois o grupo observa o gráfico. Pode-se indicar a frase dita para

(*) Child, Charles M., *Physiological Foundations of Behavior* N. Y., 1934 in *Estudos de Organização Social*, Coletânea dirigida por Pierson, D., São Paulo, 1945, pg. 211.

o grupo com o símbolo por exemplo, de um arco e flexa; e as outras linhas devem ser traçadas, com o sinal comum que indica direção. É interessante mostrar depois, ao grupo, o traçado. Faz-se isto uma vez, para melhor conhecimento da técnica de discussão.

É importante que nas decisões haja pedido de pronunciamento a *tôdas*. Se aquêle membro mais silencioso ficar sem expressão, pode vir a considerar-se marginal ao Corpo Docente.

No seu artigo intitulado "Dinâmica de grupo em Educação" Maude Muse, classificando por alto, menciona três tipos de interação em grupo, a saber *interação social não organizada* (recepções para recreação ou ilustração), *discussão de grupo em colaboração*, e, *discussão lógica de grupo*, e assinala os requisitos necessários para as discussões produtivas: citemo-las:

Para que a discussão possa produzir decisões, são importantes: hábito de fazer a abordagem do assunto como *problema*; a familiaridade ou iniciação no uso de método científico de raciocínio de grupo; perícia em localizar e verificar evidência relevante; capacidade de apresentar contribuição com clareza e brevidade; capacidade de seguir o fio de um raciocínio sem digressões; hábitos de chegar à decisão depois de ser trazida tôda a evidência; e hábitos de experimentar, pôr em prática tôdas as decisões de grupo, ou conclusões.

Entre as *técnicas socializadas* e *perícias* essenciais para discussão lógica de grupo estão: capacidade de considerar, desapassionadamente, pontos de controvérsia; capacidade de apresentar objetivamente seu ponto de vista pessoal, de modo que a contribuição "traga luz e não calor" à discussão; capacidade de ceder e incorporar durante o processo da discussão quaisquer contribuições bem verificadas dos participantes; perícia em cooperar com o líder em manter o fio da discussão e em afastar as digressões sérias, sem ofensas; e hábitos de agir em seguida à decisão do grupo. É recomendada a seguinte distribuição de funções: (1) um *líder*, escolhido pelo grupo; (2) *participantes* na discussão, restrito seu número preferivelmente a 10 ou 12; (3) um *observador do processo*, que se concentra no modo como se desenvolve a discussão; (4) um *anotador do conteúdo*, cuja função principal é escrever com exatidão a matéria tratada; e (5) os *consultores* que forem tidos como necessários para a solução do problema.

Quando o grupo de discussão é reunido para decisões importantes, tal é a composição sugerida, denominando-se de *discussão lógica*; entretanto, na maioria das vezes em que se reúne o corpo docente, a finalidade é fazer um acervo de informação com o

propósito de aumentar, completar, aclarar conhecimento sobre determinado assunto; neste caso a discussão é dominada de *colaboração*. É claro que neste último tipo não se faz necessária a designação dos ocupantes das cinco funções enumeradas acima.

Na *discussão lógica*, o observador do *processo* mostra ter capacidade quando sabe sumarizar suas observações com clareza, brevidade e objetividade tãda vez que se lhe solicitar.

O *anotador do conteúdo* registra o assunto em debate, os argumentos pró e contra e a decisão tomada.

O *líder*, apesar do auxílio que lhe prestam os dois membros citados, é o que tem a responsabilidade principal: deve guiar o grupo na escolha, definição e delimitação do problema (*); deve manter a atmosfera da discussão em bases de raciocínio e não de emoção (ora a lógica tem por objeto o raciocínio); para economia e para evitar "perder o fio da meada" deve manter o assunto em foco; compete ainda ao líder resumir, com clareza, os argumentos, restabelecendo a proposição a ser tratada, tãdas as vezes que se tornar necessário. Ora, na proposição as partes são sugeridas como devendo ser ligadas por afirmação, ou desligadas por negação. É da responsabilidade do líder preferir a argumentação silogística a fim de assegurar terreno seguro para as conclusões.

Estará fora do propósito dẽste trabalho maior minudẽcia sobre o assunto. Há muito sentimos a necessidade do estudo dos elementos de lógica e experiẽncia sob orientação para tãdas as enfermeiras, líderes no campo da educação.

O CORPO DOCENTE COMO GRUPO INTEGRADO

Se nos diversos campos do exercicio da enfermagem é necessário que o grupo de trabalho seja coeso, isto é, integrado, a fim de produzir, em se tratando de grupo de função docente este atributo é duplamente necessário, de vez que não só precisa produzir e como também ensinar pelo exemplo. — Aliás, a coesão é indispensável para todos os aspectos da vida. Cristo disse: "sois membros uns dos outros".

Analisando a coesão do grupo, o sinal número um de sua existência é a lealdade a seus membros; todavia para começar, é imprescindível que haja comunhão de idéias sobre o que o grupo quer fazer, isto é, sobre os objetivos da escola.

(*) Nota: até aqui utilizamos de dados para a exposição, valendo-nos do trabalho da autora citada:
 Muse, Mauds, Group Dynamics in Education, in A. Y. N., abril, 1950, vol. 50 n. 4.

Tôdas as instituições e estruturas sociais de toda espécie podem ser consideradas como produto de ação conjugada.

Suponhamos um grupo, reunido fisicamente, sem a seleção sob êsse prisma: decorrido algum tempo, as exigências ordinárias da vida comunal são acrescidas da presença de um ou vários dos seguintes elementos:

1) os fatores de desintegração do grupo por competição sôbre interesses comuns em jôgo; 2) intolerância das faltas alheias; 3) falta de estar ocupada empenhando-se em crescimento pessoal; 4) tomar para si egoisticamente as tarefas mais agradáveis; 5) tensões sôbre falta de recursos, remuneração insatisfatória; 6) falta de tempo suficiente para dar conta da carga de trabalho; 7) de repouso suficiente; 8) de serviços rendidos a sua pessoa; 9) de acomodação confortável; 10) de alimentação adequada; 11) de gôzo estético; e 12) de nutrimento espiritual, êste que, se presente, cobriria tôdas as outras lacunas. Estes elementos terão dado o lastro de experiências para que tenham sido produzidos padrões de comportamento individuais. Nêste habitat social formam-se, pois, as pessoas, e na melhor das hipóteses, formam-se os cidadãos.

Cada indivíduo ao ser posto em situações sociais — isto é, em interação com outros seres — muda. Ou se torna mais integrado ou mais desintegrado.

Voltando, pois, a analisar a formação do corpo docente, vemos que as personalidades que foram postas em ação sem conhecimento prévio, logo se deixam conhecer. Só devem permanecer no corpo docente aquelas que demonstram ser fontes de contactos positivos influenciando as demais pessoas no sentido da integração do enriquecimento, do crescimento. Educar, do latim, fazer crescer, é conduzir para uma direção mais alta.

As mesmas fôrças que cooperam, afirma Robert E. Park, "para criar a organização social característica de uma certa sociedade (leia-se corpo docente) determinam ao mesmo tempo, em grau maior ou menor, o caráter dos indivíduos que a compõem". No caso que estamos estudando, é a participação consciente num objetivo comum, de serviço a outrem, participação tornada possível por meio do uso da palavra e pela existência de um cabedal de símbolos e significados comuns, que a um só tempo se plasma a pessoa e o corpo docente contemporâneo.

O comportamento humano, pelo que se pode distinguir do comportamento dos animais inferiores, é caracterizado por se formar em grupos sociais. O que torna o grupo físico

um grupo social "não é necessariamente sua coexistência no espaço e no tempo, mas as *relações íntimas que* ligam os membros, aquêles laços constituídos pela comunhão de lealdades, atitudes, sentimentos e pontos de vista.

O grupo físico deixa de ser grupo social (corpo docente) à medida que os indivíduos que o compõem deixam de compartilhar das mesmas lealdades, dos mesmos sentimentos, das mesmas atitudes, dos mesmos pontos de vista" (*).

Até aqui analisamos o corpo docente.

Tentaremos, daqui por diante, apontar o papel da escola no processo de sua formação.

Para começar, examinaremos o que é a escola. Ora, educação é função natural pela qual a sociedade transmite a sua herança "de costumes, hábitos, capacidades e aspirações aos novos membros, os quais asseguraram a sua continuidade. A educação escolar é um dos modos porque se exerce tal função". (Anísio Teixeira).

Esta a função da escola. Realiza-a de modo *dirigido e intencional*; e, para realizá-la dota-a de professores. A divisão do trabalho, estipulada segundo o currículo é, ao mesmo tempo, o vínculo para a coesão dos professores entre si, ao dar-lhes a noção da interdependência. A divisão é aproximação, dizíamos. Tal como no corpo os órgãos são diferenciados para haver o organismo, assim na escola deve haver diferenciação de tôdas as contribuições dos membros do corpo docente. Esta diferenciação é do conteúdo do ensino. Não deve haver aí rodízios habituais para cobrir necessidades de serviço no hospital. As enfermeiras — chefes, encarregadas de chefias de serviços no hospital e de ensino fortuito serão portanto, as que farão horários variáveis, não as professoras. Do grupo das enfermeiras — chefes a escola irá selecionando os membros do seu corpo docente privativo. Está aí assegurada a organicidade do corpo docente privativo até além de suas fronteiras.

O PAPEL DA ESCOLA NO APERFEIÇOAMENTO DO CORPO DOCENTE

O que é a escola se não fôr o próprio corpo docente agindo? Para agir, precisa dos alunos. A escola é a associação ora sistematizada, ora em situações naturais de vida, entre alunos

(*) Pierson, D. Teoria e Pesquisa em Sociologia, grupos Sociais em Contraste com grupos Físicos, Ed. Melhoramentos, S. Paulo, 1948, pag. 178.

e professôres. Entre alunos vivos e *mestres*; êstes devem entrar com as idéias; transmitem-nas principalmente através da palavra direta falada mas também da escrita, reunida nos livros, nas revistas, ou na tradição oral da instituição.

O papel da escola em tornar mais aptos e mais aperfeiçoados os seus professôres é legítimo e cabe-lhe em caráter de prerrogativa.

Todos estamos de acôrdo, principalmente diante dos achados das ciências sociais, que os sêres humanos estão constantemente *mudando*. A personalidade de cada um de nós recebe influências muito variáveis e da interação que se passa entre o próprio ser e seu meio social resultam essas mudanças. Que o meio social seja o ambiente próprio do homem não há dúvida; diríamos, é como se o indivíduo fosse o coração ou o cérebro e fosse o meio, formado pelos utros indivíduos, o resto do organismo. "Cristo disse: sois membros uns dos outros". Não poderíamos prescindir, pois, do papel da diretoria da escola em promover a eficiência dêsse organismo, onde se nutrem e se sustentam mutuamente as partes individuais, estas representadas pelas pessoas de quem a escola *depende* para realizar sua finalidade.

O QUE FAZ A ESCOLA PARA DESEMPENHAR ÊSTE PAPEL

A diretoria da escola tem a responsabilidade de dirigir guiando os membros do corpo docente no seu próprio crescimento pessoal e profissional, isto é, aperfeiçoá-los. Ao dar a direção ou apontar-lhe o rumo, ela o faz, responsabilizando-se por fazer com que todos os membros compartilhem:

- 1) o conceito da escola, sua filosofia e seus objetivos;
- 2) dividir o trabalho, isto é, estruturar o estabelecimento para que funcione como um todo;
- 3) estimular a formação das atitudes, idéias e hábitos que devam ser comuns a todos.

Sôbre os dois primeiros pontos dissertamos preliminarmente. No terceiro, chamaremos a atenção dos interessados sôbre a grande dificuldade que o Brasil atravessa hoje pela falta de uma cultura adquirida pelos educadores em estabelecimentos de solidez como os europeus e mesmo os norte-americanos, dizemos sôbre a falta que nos fez, por tantos anos, as agências da distribuição sistematizada de cultura, das universidades. De modo tal se fez sentir essa falta em vista de ser a cultura assim adquirida o que solidariza os homens. Anísio Teixeira diz textualmente:

"A cultura une, solidariza e coordena o pensamento e a ação". Quando é que isola, diferencia e separa? É quando os processos para adquiri-la são pessoais, diversos. Os esforços para desenvolvê-la são hostilizados e difíceis. Nos começos da enfermagem moderna no Brasil havia muito mais autodidatismo entre as enfermeiras, pela ausência das universidades.

Ora, o autodidatismo tende a tornar os indivíduos isolados hostis porque é isolado e hostil a forma dêsse preparo intelectual no Brasil não chegará sem o cultivo dos processos para as lutas da vida e do espírito. A coordenação da vida universitários de ensino superior. O isolamento e o autodidatismo nacionais nos fazem incoerentes, paradoxais, irritadiços e extravagantes. A universidade é para dar disciplina, ordem, sentido comuns e capacidade de esforço em comum. A universidade não se constitui para isolar da vida a cultura, mas para trazê-la para a vida e torná-la a mestra da experiência.

RECOMENDAÇÕES

Em vista de considerarmos papel da escola contribuir para o aperfeiçoamento do corpo docente, recomendamos,

- 1) que as diretoras se reunam, formando uma comissão dentro da Divisão de Educação da A. B. E. D., para firmarem, em conjunto, normas diretivas para este aperfeiçoamento;
- 2) que entre tais diretrizes seja incluído o dever da diretoria da escola de, promover reuniões semanais do corpo docente, das quais serão levadas atas para registrar as medidas tomadas por decisão e às quais a diretoria dará cumprimento;
- 3) que, embora com sacrifício, as diretoras estimulem membros do corpo docente a frequentarem cursos nas Faculdades de Filosofia para que, com a cultura adquirida nos mesmos pontos de concentração de grandes mestres, se solidarizem os membros do corpo docente;
- 4) que todos os cursos organizados para enfermeiras formadas incluam disciplinas de cultura geral para haver mais pontos de contacto entre as mentes, com o preparo em humanidades;
- 5) que as escolas deem mais tempo livre aos membros de seu corpo docente privativo para estudo;

O PAPEL DA ESCOLA

63

- 6) que se aproveitem tôdas as oportunidades para que os membros do corpo docente compartilhem as mesmas atitudes desenvolvidas no gôzo em comum de uma vida religiosa plena, do prazer da apreciação das obras de arte e do estreitamento dos laços de amizade;
- 7) que a lealdade ao grupo seja encarecida como a atitude por excelência, com relação ao grupo, que deve ter o membro individual do corpo docente;
- 8) que empreendam todos os esforços indicados para que sejam criadas cátedras destinadas a enfermeiras no corpo privativo das escolas de enfermagem.